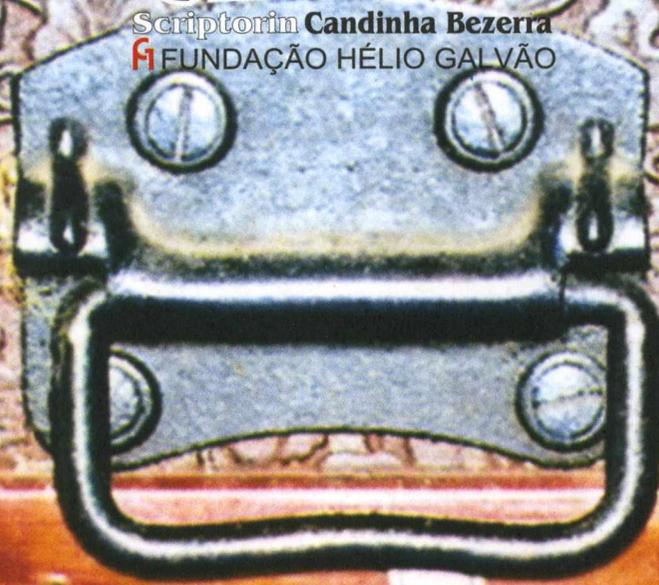


Nº 21
VOLUME 02
Março
2003



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



BAÚ

depositário de tradições

Detalhe de baú de Jacara Brito. Pertencem a Isabel Estelita Britas - Acari/RN



Baú, peça presente desde o Descobrimento

Deposítários de uma tradição secular, vinda da Europa, conforme a Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana (Madrid;

forma retangular; e o tipo de material a ser usado, como a madeira, que deveria ser de "*buena calidad y bien enclavijada*, assim como *recubiertas de cuero de vaca, de becerro ó de carnero*".

Importantes registros são os quadros *Nau Capitânea de Pedro Álvares Cabral* ou *Índios a Bordo da Nau Capitânea e Partida de Monções*,

Aqui eles passaram a ser confeccionados nos mais diferentes *estilos*, guardadas as proporções físicas, sendo diferenciados apenas por certos detalhes que os tornam mais ou menos sofisticados. Os mais simples são feitos apenas de madeira, sem revestimento externo, sendo simplesmente envernizados ou pintados de tinta. Não obstante, nesses casos, ser comum a ocorrência de forro interno, em pano ou papel

artesão acariense Manoel Jerônimo, que fabrica baú há mais de cinquenta anos. Mas a preferida de todas é o cumaru (*Coumarouna odorata*), por suas propriedades aromáticas que, de acordo com o artesão, mesmo envernizada ou pintada, não perde o seu cheiro, conservando-o em seus

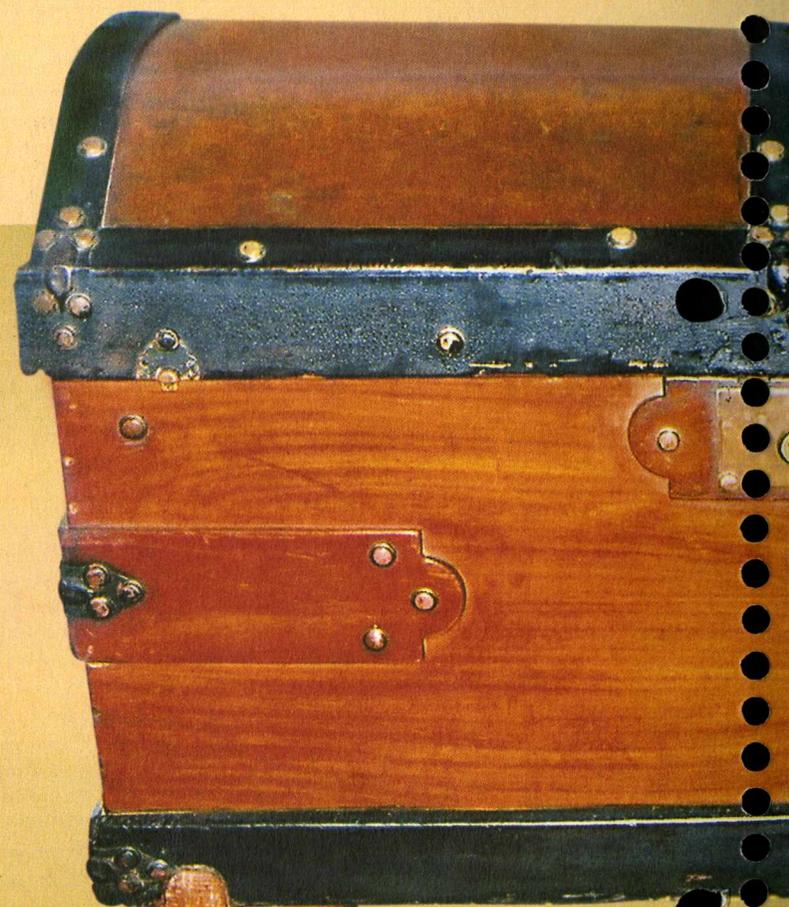
exemplos de pegadores (alças) significativamente ornamentados, apesar de parecerem verdadeiras



Baú de Jacira Brito. Pertenceu a Isabel Estelita Dantas - Acari/RN



Baú em couro cru. Museu de Acari/RN



Baú em madeira com pés originais. Pertenceu a Isabel Estelita Dantas - Acari/RN

Barcelona: Espasa-Calpe: tomo VII, 1930), que atesta a existência de confrarias de *bauleros*, no século XVI, os baús encontraram em solo brasileiro terreno propício para perpetuar essa tradição, constituindo-se em verdadeiros documentos etnográficos.

De acordo com a Enciclopédia espanhola, as confrarias definiam, em estatutos, a forma de confecção dos baús, determinando que deveriam ser feitos em

respectivamente, dos pintores Oscar Pereira da Silva e Almeida Júnior, que retratam a chegada dos portugueses com seus baús, pertencentes ao acervo do Museu do Ipiranga, em São Paulo, popularizados através da reprodução em cartões telefônicos (Série Museus), do Sistema Telebrás.

No Sertão, região de clima seco que se constituía como criatório de gado, o uso dos baús foi facilmente adaptado.

estampado. Quanto ao tipo de madeira, os *bauleros* brasileiros parecem seguir os preceitos das confrarias européias. Muitas vezes são utilizadas madeiras nobres, de lei, como mogno (*Swietenia macrophylla*) e cedro (*Cedrela fissilis*). Porém, algumas pessoas preferem a imburana (*Bursera leptophleos*), mesmo que esta não seja a ideal, por ser fraca e *vridenta*, como afirma o

guardados. O tipo mais sofisticado é o *baú de pregaria*, que tem como principais requisitos, o revestimento em couro, o forro interno (feito em tecidos de variadas estampas), as fechaduras, ricamente trabalhadas e, geralmente, colocadas em fendas feitas na madeira, ficando no mesmo nível da superfície do baú. Encontram-se também

peças de tortura, em termos de comodidade para transporte. Detalhe de extrema delicadeza é o suporte da tampa do baú, chamada de *correia*, feita de pano. E talvez seja exatamente por isso que ela se mantém em apenas um dos exemplares aqui demonstrados, já um tanto danificada. Para a fixação do couro na madeira, são usados pregos especiais, que

apresentam algumas variações de denominação, como: brocha, tacha ou

estreitas traves de madeira que, assim como o couro, são pregadas por brochas.

A antiga técnica de construção de baús exigia do artesão uma certa dose de habilidade, pois, diferente dos que hoje se confeccionam (com prego e cola), não se usavam

estes recursos.

as suas relações de uso que nos remetem, imediatamente, à forma de caixa de madeira com tampa convexa (popularmente chamada de boleada), não se dando o inverso quando se fala de mala. Apesar disso, também se chama de baú, àqueles que apresentam a mesma técnica de fabricação, que têm como única distinção física a forma plana de sua tampa, embora seja corrente o termo mala. Acrescentem-se, ainda, as

tipo feito, exclusivamente de couro cru, que era utilizado para guardar mantimentos. Porém, se estes tinham como finalidade primeira guardar roupa ou rede, hoje, quando não conservados institucionalmente (em museus), saíram do quarto para a sala e em várias habitações sertanejas (nas cidades principalmente), acumulam a antiga função, servindo orgulhosamente de peças de decoração, assim como na região litorânea também se usa

tinha o sugestivo nome de *cargueiro de noiva*. Este fato está registrado (e confirmado por fontes

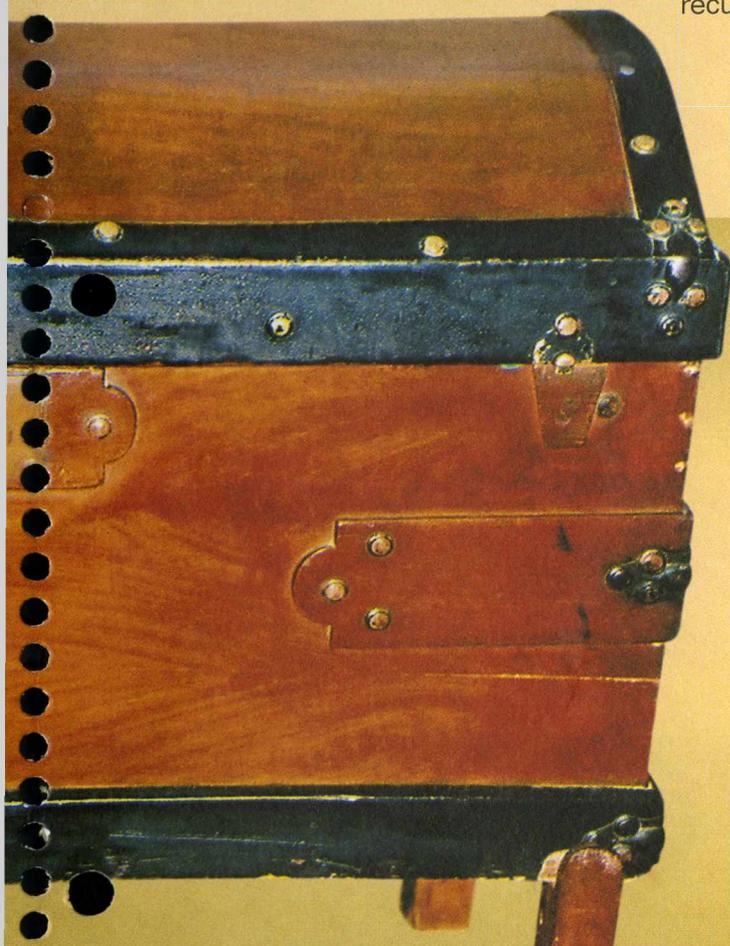
Gabante
 Scriptorium **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
 Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Fotografias
 Candinha Bezerra

Colaborador
 José Wilson Pereira de Azevêdo
 Mestrando em Literatura Comparada - UFRN

Programação visual
 CO2 COMUNICAÇÃO



Baú em couro cravejado com metal.
 Acervo de Candinha Bezerra



Baú em madeira - Caicó/RN.
 Acervo de Antonio Marques de Carvalho - Natal/RN

percevejo. Estes são colocados sobre belíssimos desenhos de recorrência armorial, previamente traçados no couro, com um ferro incandescente. Além destes desenhos, era costume tachear na frente do baú as iniciais do nome de seu proprietário. Destaca-se, ainda, o revestimento em metal, laboriosamente desenhado pela técnica da pirogravura e fixado por

A madeira era cortada de forma que todas as peças fossem encaixadas (encaixadas)

perfeitamente, como se vê em modelos mais antigos, nos quais não se usavam revestimento.

O termo baú carrega em si, certamente, significação antropológica – apesar de ser usado indistintamente como sinônimo de mala, caixa, cofre ou arca –, pois são

significações populares que lhe são dadas (gírias), como: *dar o golpe do baú* (casar com pessoa rica); *não ser baú* (não guardar segredo) etc. E o fato de que adquirir um baú, mais sofisticado ou não, definia a posição social do sujeito.

A utilização do móvel baú também tem as suas distinções, que não se limitam somente ao tipo, mas se estabelecem sociologicamente. Além dos modelos fabricados em madeira, existe um outro

com essa finalidade. A aquisição de um baú é um fato que se constituía quase em ritual. No Museu Histórico de Acari, consta que era costume no Sertão, no final do século XIX e início do XX, a noiva, ao se casar, levar o enxoval em um *jogo de baús*. Ou seja, eram confeccionados dois baús para o casal, que eram carregados por um jumento tangido por um menino, que

orais) no histórico de um dos baús daquela instituição. Segundo o registro, Pedro Chaves de Araújo e Isabel Pires de Araújo tiveram o seu jogo de baús conduzido por



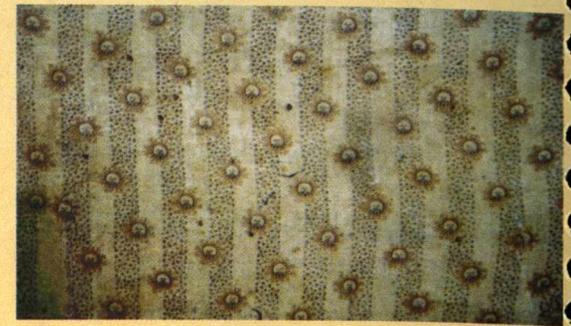
Baú, no embarque de família portuguesa



Revestimento do baú em madeira.
Pertence de Jacira Brito - Acari/RN



Correia de sustentação da tampa de baú.
Pertence de Jacira Brito - Acari/RN



Forro interno do baú de Jacira Brito
Acari/RN

Zezinho Aquilino, irmão do noivo, que era cargueiro de noiva na época. Outro fato, não menos interessante, é a fabricação exclusiva de um baú para o filho do casal, como atesta a Professora Zélia Santos. Segundo a Professora, o casal Manoel José de Maria e Maria Juvianiana da Conceição mandou fabricar, em 1868 (no Sítio Saco dos Pereira, em Acari), um baú para a filha Maria Marcionila de Jesus, por ocasião de seu nascimento. Apesar de parecer uma proposição exagerada, Cascudo, em 1929, já indicava ser do Seridó que irradiam as raízes de uma tradição potiguar, principalmente, de Caicó e Acari:

"Jardim, Parelhas, Curraes Novos têm bellezinhas de cidade nova e cidade velha enfeitada. Falta-lhes a patine da tradição. Acary surprehende. Parece um plágio. Depois é que se vê que é uma continuação social e política de Caicó."

tropical, saudei a capelinha silenciosa. Ali começara o Seridó...". É verdade que o uso de baús não é uma tradição eminentemente seridoense, como queria o velho canguleiro fazer crer que o Seridó é este centro irradiador de tradições, visto se tratar de um costume europeu, vertido para as plagas brasileiras.

Porém, é interessante notar como esta região é uma das poucas que ainda preserva suas tradições, em tempos das mídias de massa e cultura planificada, independente das razões ou motivos, que escapam a este texto e que, sem dúvida, merecem outra discussão.



Detalhe de baú (pregaria).
Museu de Acari/RN

Posição ratificada catorze anos mais tarde, na Acta Diurna *A Igreja do Rosário de Acari*: "Devo a Antonio Fernandes Bezerra, um sertanejo que ama as tradições e defende o que é digno de ser respeitado, a honra de uma apresentação à Igreja na cidade do Acari," para concluir na mesma crônica: "Quando saí, descendo a escadinha e alcancei a praça luminosa no dia



Baú em couro e madeira. Pertenceu a João Lopes de V. Galvão - Currais Novos/RN



Baú em madeira.
Museu de Acari/RN



Baú de madeira revestido em couro.
Pertence de Margarida Cortez - Acari/RN



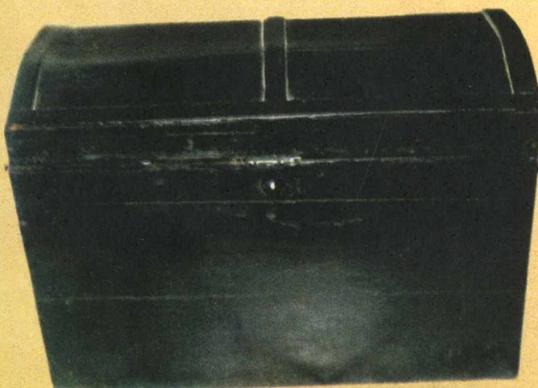
Baú de madeira revestido em couro.
Pertenceu a Beatriz Pereira de Araújo - Acari/RN



Baú em madeira.
Pertence de Manoel Jerônimo
Acari/RN



Baú em madeira revestida.
Museu de Acari/RN



Baú em madeira pintado. Pertenceu a Maria Marcionila de Jesus - Acari/RN



Nossa cultura, nosso saber.

BIBLIOTECA
SESC LER